

Universidade Estadual do Norte do Paraná

Repositório Institucional UENP

<https://repositorio.uenp.edu.br>

Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras

Produtos educacionais

2023

Caderno Pedagógico 9º ano - Ensino fundamental - Artigo de opinião

Nascimento, Maria do Socorro Silva

Universidade Estadual do Norte do Paraná

<https://repositorio.uenp.edu.br/handle/123456789/414>

Baixado de Repositório Institucional UENP



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ
Centro de Letras, Comunicação e Artes
Mestrado Profissional em Letras em Rede



MARIA DO SOCORRO SILVA NASCIMENTO

ARTIGO DE OPINIÃO

Cornélio Procópio
2023

MARIA DO SOCORRO SILVA NASCIMENTO

ARTIGO DE OPINIÃO

Produto Educacional apresentado ao Mestrado Profissional em Letras em Rede (PROFLETRAS) da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Patrícia Cristina de Oliveira Duarte

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Roberta Negrão de Araújo

CADERNO PEDAGÓGICO

9º ano – Ensino Fundamental

ARTIGO DE OPINIÃO

Autora

Maria do Socorro Silva Nascimento

Coautoras

Dr.^a Patrícia Cristina de Oliveira Duarte
Professora Orientadora

Dr.^a Roberta Negrão de Araújo
Professora Coorientadora

Caro professor

Este caderno pedagógico é resultado de estudos realizados no Curso de Mestrado em Letras em Rede (PROFLETRAS), nos anos de 2021 e 2022, na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP).

O estudo nasceu da necessidade de oferecer aos alunos do 9º ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental uma melhoria quanto à habilidade argumentativa, por meio de uma vivência mais intensa com leitura e atividades, com foco no gênero discursivo artigo de opinião.

Considerando que os gêneros discursivos fazem parte da vida das pessoas, sendo que eles não podem ser vistos apenas como textos a serem lidos, e que em diversas situações do cotidiano faz-se necessário expressar uma opinião a respeito de acontecimentos que chegam a nosso conhecimento por diversas fontes, justificamos esse trabalho. Esperamos, portanto, que seja eficaz para todos, professores e alunos.

Inicialmente, tratamos do conceito e da funcionalidade de gênero discursivo. Em seguida, abordamos o gênero artigo de opinião, bem como a metodologia selecionada para a transposição didática do gênero selecionado. Por fim, apresentamos as atividades propostas para abordagem do gênero em sala de aula.

CONCEITUAÇÃO E FUNCIONALIDADE DOS GÊNEROS

O estudo dos gêneros teve origem na retórica de Platão, considerando a epopeia e a tragédia, a comédia e a sátira; e na Poética de Aristóteles, que teve sua classificação consagrada na literatura, até surgirem os estudos da prosa comunicativa, com destaque para as contribuições do pesquisador Mikhail Bakhtin, que conceitua gêneros do discurso como “*tipos relativamente estáveis de enunciado*” (BAKHTIN, 2003, p. 262). De acordo com essa concepção, toda esfera de atividade humana (cotidiana, religiosa, jornalística, escolar, científica, literária, etc.), ao fazer uso da língua, elabora os seus enunciados, de acordo com as suas necessidades.

Bakhtin (2003) analisou os gêneros discursivos considerando o dialogismo do processo comunicativo, onde as relações interativas são processos produtivos de

linguagem que acontecem nas diferentes esferas de uso. Assim, os gêneros discursivos foram divididos em primários, aqueles usados na comunicação cotidiana, e os secundários, aqueles que se manifestam de forma mais elaborada, como o artigo de opinião e o romance.

Segundo os teóricos do Círculo de Bakhtin¹, os gêneros discursivos fazem parte de nossa vida, pois tudo o que pensamos e manifestamos, por meio de alguma manifestação de linguagem, corresponde a um determinado gênero do discurso.

A respeito da concepção bakhtiniana de gêneros discursivos, de forma esclarecedora, Perfeito (2012) afirma

[...] os gêneros discursivos são enunciados típicos relativamente estáveis, consubstanciados pelas ideologias dos campos sociais, por suas condições de produção, finalidade discursiva e configurados por três dimensões: a) o conteúdo temático – objeto de sentido, avaliativamente construído; b) o estilo - manifestação de recursos linguístico-expressivos de regularidade do gênero; c) a construção composicional – elementos de estrutura e significação. A compreensão é, por conseguinte, de que o caráter normativo (de regularidades) dos gêneros discursivos e o seu status estável são dados historicamente e não criados no processo enunciativo. Como posto, no entanto, os gêneros discursivos são dizíveis (proferidos) por sujeitos falantes, em processo interativo, em forma de enunciados concretos, que, embora eivados de vozes de outrem, anteriores e posteriores, são únicos e irrepetíveis no plano discursivo (PERFEITO, 2012, p. 17).

Com base no conceito de Bakhtin de gêneros discursivos, podemos concluir que eles são formas comunicativas adquiridas na interação, em um contexto enunciativo.

A língua materna, seu vocabulário e sua estrutura gramatical, não os conhecemos por meio dos dicionários ou manuais de gramática, mas sim graças aos enunciados concretos que ouvimos e que reproduzimos na comunicação discursiva efetiva com as pessoas que nos rodeiam (BAKHTIN, 2003, p. 326).

Segundo Bakhtin (2003), o desejo de fala nos leva a escolher um determinado gênero discursivo que esteja de acordo com a finalidade da enunciação, sendo para isso necessário que o falante domine os gêneros discursivos e não somente as formas da língua (composição vocabular e a estrutura gramatical). Para o estudioso, portanto, os gêneros do discurso são tão indispensáveis para a compreensão mútua quanto às formas da língua. Mas comparados a estas, são mais flexíveis, mutáveis e plásticos.

¹ Segundo Rojo (2005) e Faraco (2009), o Círculo de Bakhtin é formado por alguns jovens, entre eles Bakhtin, que se reuniam com certa regularidade na Rússia, no século XX, para estudos e discussões a respeito de arte, filosofia e linguagem.

No entanto, os gêneros não são criados pelo falante, são, antes, herdados historicamente. Assim, Bakhtin (2003) percebe os gêneros a partir da sua historicidade, não como unidades convencionais, atribuindo-lhes a mesma natureza social, discursiva e dialógica dos enunciados.

Ainda segundo o estudioso, todo gênero é constituído de forma e conteúdo, sendo que nem a forma sozinha, nem o conteúdo isoladamente são suficientes para caracterizar o gênero.

Dessa maneira, o autor postula três dimensões essenciais e indissociáveis para os gêneros: 1) conteúdo temático; 2) construção composicional; 3) estilo. Tais características devem, no entanto, ser analisadas de acordo com as condições de produção: emissor (locutor), receptor (ouvinte), objetivo, tempo, local e suporte.

Quanto ao tema de um enunciado, afirma Duarte (2015, p. 47) que este “[...] não diz respeito, apenas, ao conteúdo em si, mas ao domínio de sentido que emana do todo do gênero, a enunciação”. Isto significa que o tema também diz respeito à intencionalidade do produtor do texto e ao seu ponto de vista em relação ao assunto tratado. Por isso, algumas propostas de redação trazem três ou quatro textos motivadores. Esses textos levam o estudante a pensar na mesma perspectiva que é esperada a sua produção textual.

Quanto à construção composicional, trata-se dos elementos que organizam estruturalmente o enunciado, porém não são formas rígidas, pois sofrem influências do contexto extra verbal do enunciado, apresentando-se na fronteira entre a estabilidade e a flexibilidade, de acordo com Bakhtin (2003). Ainda segundo Duarte (2015, p. 48 *apud* BAKHTIN, 2003), “[...] a forma composicional diz respeito aos procedimentos de disposição, organização e acabamento dos enunciados, considerados na articulação com a situação enunciativa”.

A respeito do estilo, Bakhtin (2003) afirma ser este a “seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua”. O estilo pode refletir a individualidade do falante (de quem escreve), porém nem todos os gêneros permitem essa individualidade. Os gêneros de ficção são mais tendenciosos à individualidade, enquanto os gêneros referentes às formas padronizadas, como ofício, ata, documentos militares, entre outros, revelam menor tendência à individualidade do produtor. O estilo aparece ligado a unidades temáticas e a unidades composicionais do gênero e, por isso, Bakhtin também esclarece que o estudo do estilo da língua, de forma correta e produtiva, deve partir do gênero, pois a ele pertence. Sob tal enfoque,

o autor destaca a necessidade de fazer um estudo prévio dos gêneros em sua diversidade (BAKHTIN, 2003, p. 281).

GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO

Retomamos o conceito claro e preciso de Bräkling (2000) de *artigo de opinião*:

O artigo de opinião é um gênero de discurso em que se busca convencer o outro de uma determinada ideia, influenciá-lo, transformar os seus valores por meio de um processo de argumentação a favor de uma determinada posição assumida pelo produtor e de refutação de possíveis opiniões divergentes. (BRÄKLING, 2000, p. 227).

Nesse conceito, percebe-se o poder de persuasão do artigo de opinião, uma vez que ele busca convencer e influenciar o outro. E, ao escrever, pressupõe-se a presença do interlocutor em uma atividade de interação (GERALDI, 2006).

Trabalhar *artigo de opinião* e argumentação com os alunos na sala de aula é, portanto, possibilitar que os estudantes desenvolvam a habilidade de expressar opinião, atividade bastante relevante, em todas as áreas da sociedade e uma forma de conquista de espaço, pois por meio da linguagem podemos nos tornar mais ativos na sociedade, expressando nossa opinião podemos conquistar os nossos objetivos.

Os jovens de uma forma geral gostam de participar de discussões a respeito de assuntos atuais, embora não se sintam à vontade na hora de expressar o que pensam, pois muitos se sentem inseguros quanto à linguagem e porque acham que vão falar “besteira”. Essas inseguranças aumentam quando precisam escrever um texto para entregar ao professor e, mais ainda, quando a escrita deverá cumprir com alguma finalidade social, como, por exemplo, a escrita de um *artigo de opinião* que será divulgado no jornal da escola.

Entre as inseguranças quanto à linguagem, está o fato de muitos jovens trazerem para a escrita dos textos as variedades linguísticas da comunidade onde vivem, ou as gírias usadas no dia a dia. Daí a importância de trabalhar o estilo do gênero em estudo.

Já em relação às dificuldades de escrita de textos argumentativos, Leal e Morais (2007, p. 9) pontuam

Pode-se questionar se as dificuldades apontadas são oriundas: 1) de inabilidades nas operações cognitivas necessárias a tal atividade; 2) do maior nível de complexidade das estruturas textuais; 3) da falta de familiaridade com esses modelos de textos na escola; 4) das condições de produção de

textos em que se busca argumentar; 5) da conjugação de alguns desses fatores; 6) ou de outros fatores.

Esperamos, portanto, que o uso do caderno pedagógico oportunize aos estudantes superar as dificuldades diante da escrita de textos argumentativos. Para isso, destacamos a importância do estudo prévio das características do gênero em estudo. As características referentes ao gênero artigo de opinião, expostas no quadro a seguir, foram fundamentadas em Barros (2012).

Características do Gênero *Artigo de Opinião*

CONTEXTO DE PRODUÇÃO	CONSTRUÇÃO COMPOSICIONAL	ESTILO
Produtor: geralmente um articulista contratado pelo jornal ou revista;	Apresenta inicialmente um título, que pode ser no formato de pergunta, ou uma declaração que já revela o ponto de vista do articulista sobre a polêmica tratada;	Escrito em linguagem padrão;
Finalidade: expor a opinião do autor a respeito de um assunto tratado na atualidade, tentando convencer o leitor de que sua opinião é a mais correta;	A introdução traz a questão polêmica;	Usa-se muito o ponto de interrogação e ao expressar suas emoções diante da polêmica que está expondo, faz uso do ponto de exclamação;
Interlocutor: alguém que está interessado em saber opiniões a respeito dos assuntos que estão em evidência no momento;	No desenvolvimento, o articulista expõe os seus argumentos;	Observa-se frequentemente também o uso dos dois pontos após uma conclusão e aspas ao usar expressões de significado muito pertinentes;
Espaço de produção: irrelevante (casa, redação do jornal ou qualquer outro local);	Na conclusão, o autor reafirma sua opinião e pode apresentar uma solução para a questão;	As retomadas textuais acontecem tanto por meio de pronomes e sinônimos, termos genéricos ou específicos, como através da própria repetição do termo;
Local de circulação: jornais impressos ou digitais, bem como em blogs e revistas nas páginas destinadas a "opinião".	O texto é assinado e no espaço do suporte denominado "articulistas", consta o nome completo do autor, uma foto e informações sobre a sua área de atuação;	Os conectivos lógicos (mas, porém, portanto, afinal) são os mais usados pelos articulistas;
	São textos curtos, ocupando, geralmente, uma a duas páginas;	Predominância do uso de substantivos e adjetivos;
	Podem ser acompanhados de imagens referentes ao texto tratado;	O autor de um artigo de opinião é muitas vezes irônico;
	Escrito em prosa e a sequência predominante nesses textos é a argumentativa;	A voz predominante no artigo de opinião é a do autor, porém muitas outras vozes são utilizadas, como as vozes sociais que entram nos argumentos de autoridade e do senso comum, de personagens, especialmente

		ao elencar argumentos de exemplificação.
--	--	------------------------------------------

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Barros (2012).

O quadro foi elaborado levando em consideração os elementos que compõem o gênero de acordo com Bakhtin: contexto de produção, construção composicional e estilo. Quanto ao conteúdo temático, não aparece no quadro, por ser algo mais restrito, podendo ser aqui definido como um “assunto polêmico tratado na atualidade”,

PLANO DE TRABALHO DOCENTE

Considerando que os resultados dos estudos realizados por pesquisadores e cientistas, no caso dos estudos sobre os gêneros discursivos, por Bakhtin e outros do denominado Círculo de Bakhtin, não podem ser transpostos diretamente para a sala de aula e repassados para os estudantes, faz-se necessário realizar uma adaptação, ou seja, uma didatização, para que os conhecimentos possam ser apresentados aos estudantes de forma compreensível (ROJO, 2005).

Sendo assim, alguns estudiosos recomendam que seja realizado um modelo didático antes de abordar os conteúdos na sala de aula. Cumprindo, então, com esse propósito, utilizamos a proposta didática de Gasparin (2009), denominada Plano de Trabalho Docente (PTD), que é respaldada na Pedagogia Histórico-Crítica (SAVIANI, 2011), na Teoria Histórico Cultural, de Vygostsky, e no Materialismo Histórico-Dialético, de Marx e Engels, para realizar a transposição dos conteúdos para o nono ano selecionado.

Para melhor compreender a contribuição das teorias que embasam o Plano de Trabalho Docente, de Gasparin (2009), cumpre destacar que a Pedagogia Histórico-Crítica, de Saviani (2011), tem seus fundamentos epistemológicos no Método Dialético de Elaboração do Conhecimento e na Teoria Histórico-Cultural. É pouco difundida nas escolas brasileiras, apesar de ser voltada para a educação básica e focar na formação crítica do aluno. Essa teoria apresenta cinco passos: Prática Social, Problematização, Instrumentalização, Catarse e Prática Social.

A base psicológica da Pedagogia Histórico-Crítica é a teoria Histórico-Cultural, de Vigotski, segundo a qual, o conhecimento é fruto da interação sujeito-objeto. No entanto, essa relação se dá por meio da mediação, destacando-se, assim, a importância do professor e da escola no processo de aprendizagem dos alunos. Essa

teoria apresenta o nível de desenvolvimento atual, a zona de desenvolvimento proximal (ZDP) e nível de desenvolvimento atual, resultado da mediação docente, na ZDP. A metodologia de Gasparin (2009) volta-se, então, às três etapas do método dialético de construção do conhecimento: prática/teoria/prática, que se desdobram, como mencionado, em cinco passos pedagógicos, expostos no Quadro que segue.

Estrutura do Plano de Trabalho Docente

PRÁTICA (zona de desenvolvimento real)	TEORIA (zona de desenvolvimento proximal)			PRÁTICA (zona de desenvolvimento potencial)
Prática social inicial do conteúdo	Problematização	Instrumentalização	Catarse	Prática social Final do conteúdo
1) Listagem do conteúdo e objetivos: Unidade: objetivo geral. Tópicos objetivos específicos. 2) Vivência cotidiana do conteúdo: a) O que o aluno já sabe: visão da totalidade empírica. Mobilização. b) Desafio: o que gostaria de saber a mais?	1) Identificação e discussão sobre os principais problemas postos pela prática social e pelo conteúdo. 2) Dimensões do conteúdo a serem trabalhadas.	1) Ações docentes e discentes para construção do conhecimento. Relação aluno x objeto do conhecimento através da mediação docente. 2) Recursos humanos e materiais.	1) Elaboração teórica da síntese, da nova postura mental. Construção da nova totalidade concreta. 2) Expressão da síntese. Avaliação: deve atender às dimensões trabalhadas e aos objetivos.	1) Intenções do aluno. Manifestação da nova postura prática, da nova atitude sobre o conteúdo e da nova forma de agir. 2) Ações do aluno. Nova prática social do conteúdo

Fonte: Gasparin (2009, p. 159).

Na Prática Social, o aluno é questionado sobre o seu conhecimento de mundo, ou seja, sobre os conhecimentos que possui a respeito do conteúdo que será abordado. Este é um momento, no qual o estudante sente-se importante e valorizado

por poder expor aquilo que realmente sabe e é nesse momento também que surge a consciência de que ainda não sabe de tudo e que precisa e quer saber mais.

Na Problematização, o aluno se deparará com situações desafiadoras em diversas dimensões (científica, conceitual, cultural, histórica, social, política, ética, econômica, religiosa) referentes aos problemas que surgem na prática social relacionados ao conteúdo. Ou seja, a problematização

Consiste na explicação dos principais problemas postos pela prática social, relacionados ao conteúdo que será tratado. Este passo desenvolve-se na realização de: a) uma breve discussão sobre esses problemas em sua relação com o conteúdo científico do programa, buscando as razões pelas quais o conteúdo escolar deve ou precisa ser aprendido; b) em seguida, transforma-se esse conhecimento em questões, em perguntas problematizadoras levando em conta as dimensões científica, conceitual, cultural, histórica, social, política, ética, econômica, religiosa etc., conforme os aspectos sobre os quais se deseja abordar o tema, considerando-o sob múltiplos olhares (GASPARIN; PETENUCCI, 2012, p.9-10).

Por isso, a instrumentalização é o momento em que o professor colabora usando explicações teóricas para que o estudante atinja um nível de conhecimento mais alto e significativo, pois foi motivado para isso nos estágios anteriores. Esses novos conhecimentos serão avaliados no momento da Catarse.

Espera-se que, ao voltar à Prática Social, no último nível de aprendizagem, o aluno seja capaz de usar os conhecimentos alcançados para agir no seu dia a dia, modificando a sua realidade. Afinal, essa deve ser a finalidade social dos conteúdos escolares.

Corroborando essa ideia, o materialismo histórico-dialético, no processo de conhecimento, tem como diretriz partir da prática, conhecer a teoria e voltar à prática, atingindo um nível mais alto de compreensão da realidade e de ação humana (GASPARIN, 2011).

A implementação do PTD exige do professor um planejamento prévio, muito estudo sobre o conteúdo e sobre cada passo da metodologia, além da busca por recursos para tornar a prática possível. Isso porque nem sempre as escolas públicas são bem equipadas com materiais e recursos para tornar as aulas mais dinâmicas e atraentes para os alunos, cabendo, portanto, ao professor buscar os meios para a adequada implementação da metodologia.

Nessa perspectiva, as etapas do PTD constituirão o eixo condutor do processo de elaboração, implementação e análise dos dados obtidos em sala de aula.

Arelado às implicações bakhtinianas quanto à apropriação do conhecimento, com foco nos gêneros discursivos, o PTD pode propiciar o desenvolvimento de um processo de ensino-aprendizagem mais produtivo e significativo, visto partir do conhecimento prévio dos estudantes, visando à problematização e teorização do conhecimento científico historicamente produzido pelos homens.

Prática Social Inicial

NOTA AO PROFESSOR

As primeiras atividades desta etapa inicial devem ser realizadas oralmente, de forma descontraída, com os estudantes sentados em círculo.

1º DIA: Iniciar a aula anunciando o conteúdo e os objetivos da aula (tópicos 1.1 e 1.2). Na sequência, trabalhar as questões listadas no item 1.2, objetivando:

1. sondar o que os alunos já sabem com relação ao conteúdo
2. anúncio dos conteúdos que serão estudados.

Carga horária: 2 aulas

1.1 Anúncio dos conteúdos

- O gênero artigo de opinião.
- O contexto de produção.
- O conteúdo temático.
- A organização textual.
- As marcas de linguagem (linguístico-enunciativas).
- O artigo de opinião *Meio ambiente é expressão de um desígnio de amor e de verdade*, de Marcelo Chaves.

1.2 Vivência cotidiana dos conteúdos

NOTA AO PROFESSOR

As atividades abaixo têm como finalidade sondar o que os alunos já sabem com relação ao conteúdo e devem ser projetadas em slides e discutidas pelo grupo.

Reflexão inicial

Vivemos um momento de grandes mudanças e grandes acontecimentos nos surpreendem todos os dias. Algumas pessoas até acreditam que estamos vivendo os últimos tempos da humanidade.

1. De que formas vocês têm acesso a esses grandes acontecimentos?
2. Vocês costumam ler jornais ou revistas?
3. Vocês costumam ler opiniões de outras pessoas sobre os assuntos mais polêmicos que aparecem nos jornais, revistas ou na TV?
4. De que forma vocês costumam expressar a opinião de vocês a respeito desses acontecimentos?
5. Vocês também discutem esses assuntos com os amigos, ou com os familiares?
6. E quando as opiniões de vocês são diferentes, como vocês tentam convencer os outros de que estão com razão?
7. Vocês sabem o que é artigo de opinião?
8. Para quem esses textos são escritos?
9. Quem escreve artigo de opinião? Vocês já escreveram um?
10. Por que vocês acham que alguém escreve artigo de opinião?
11. Onde esses textos circulam?

2º DIA: Vivência cotidiana dos conteúdos (continuação)

- Realização de atividades em grupo, objetivando:

1. sondar o que os alunos já sabem com relação ao conteúdo
2. anúncio dos conteúdos que serão estudados.

Carga horária: 2 aulas

NOTA AO PROFESSOR

Agora, com o auxílio de um Datashow, deve ser feita a exibição de páginas de jornais, da seção Opinião, chamando a atenção dos alunos para os títulos dos textos, dos nomes e fotos dos articulistas, das datas de postagens. Na sequência, levantar o questionamento:

12. Observando os títulos dos textos, podemos observar que todos apresentam temáticas voltadas à sociedade atual. Quais são os possíveis temas explorados nos textos?

The screenshot shows the 'Diário do Nordeste' website. At the top, there is a navigation menu with links: HOME, ÚLTIMA HORA, DN CEARÁ, PONTOPODER, SEGURANÇA, JOGADA, NEGÓCIOS, VERSO, ZOEIRA, and COLUNISTAS. Below the navigation, the page is titled 'COLUNISTAS'. A list of five columnists is displayed, each with a small circular profile picture, their name, and a short description of their work:

- ALEXANDRE MOTA**: Fortaleza e Floresta atingem campanhas históricas na Copinha; veja destaques dos clubes
- ALEXANDRE QUEIROZ PEREIRA**: Adjetivos e expressões nada simpáticos para caracterizar a Fortaleza do século XXI
- ALLISSON MARTINS**: Os desafios das finanças empresariais e pessoais em 2023: enfrente e em frente
- ANA ALVES**: Escolha o melhor caminho para organizar suas contas; veja dicas de aplicativos de finanças
- ANA KARENYNA**: Manual do cuidado com as roupas de cama e banho

NOTA AO PROFESSOR

Na sequência deve-se apresentar para os alunos, divididos em grupos, alguns dos artigos mostrados no Datashow, para que leiam e possam responder a alguns questionamentos:

13. Qual a temática do texto lido por vocês?
14. Vocês concordam com as ideias do autor? Justifiquem suas respostas.
15. Quais as partes que compõem o texto?
16. Trata-se de um texto formal ou informal?

3º DIA: Vivência cotidiana dos conteúdos (continuação)

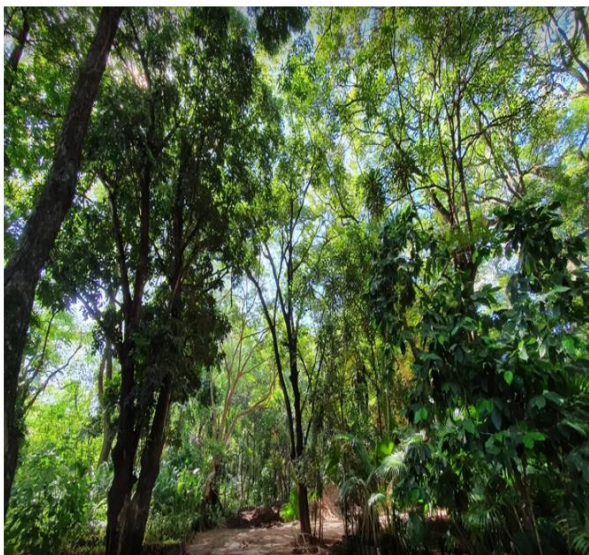
- Realização de produção textual inicial

Objetivo: mapear o que os alunos já sabem com relação ao conteúdo e à temática

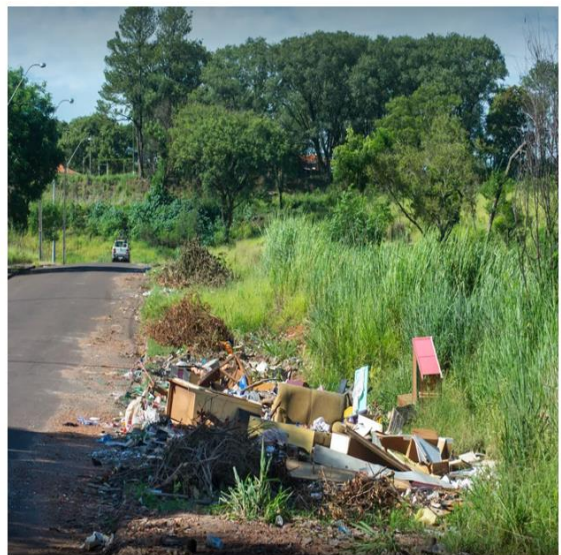
Carga horária: 2 aulas

NOTA AO PROFESSOR

Iniciar a aula fazendo uso de um Data show, acessar o site abaixo para fazer uma leitura compartilhada sobre Educação Ambiental junto com os alunos:
encurtador.com.br/ftMW8



Horto florestal recebe escolas e orienta sobre flora e fauna – Foto: Stephanie Fonseca/gl



Descarte irregular de lixo e de resíduos diversos é problema em Presidente Prudente – Foto: Stephanie Fonseca/gl

Após esse momento, chamar a atenção ao alerta de Libâneo (2004, p.60)

A educação ambiental não pode ser apenas uma tarefa da escola, ela envolve ações práticas que dizem respeito ao nosso comportamento nos vários ambientes (na família, na escola, na cidade, na empresa etc.). [...] As pessoas

precisam ser convencidas a se engajar em campanhas para a coleta seletiva do lixo, a adquirir o hábito de não jogar coisas na rua, a não mutilar a natureza, a lutar contra a poluição ambiental, etc.

Feita a leitura, o professor deverá apresentar aos alunos a atividade diagnóstica inicial:

1ª Escrita de artigo de opinião

De acordo com os seus conhecimentos sobre o gênero artigo de opinião e sobre a temática aqui abordada, Educação Ambiental, escreva um texto que expresse sua opinião a respeito da declaração feita por Libâneo.

Problematização (em diferentes dimensões)

NOTA AO PROFESSOR

Aqui serão abordadas algumas questões desafiadoras em diferentes dimensões, visando identificar os principais problemas sobre o conteúdo.

4º DIA: Realização de atividades de pesquisa com uso de tablets dos alunos (doação feita pela prefeitura de Horizonte), ou na sala de informática da escola, caso exista, objetivando a introdução da teoria.

Carga horária: 2 aulas

2.1 Dimensão conceitual

1. O que um texto precisa ter para ser caracterizado como um artigo de opinião?
2. Como diferenciar um artigo de opinião de outros textos jornalísticos, como notícia, reportagem, editorial? (Pedir aos alunos que pesquisem outros textos jornalísticos, como notícia, reportagem, editorial e os comparem com os textos lidos em sala)

2.2 Dimensão social

3. O artigo de opinião, diferentemente dos demais textos jornalísticos, não se restringe a apresentar os fatos, nem à defesa de opinião de um grupo, ou do veículo de comunicação (caso do editorial). O artigo de opinião traz a opinião de uma pessoa sobre determinado fato e é essa pessoa que assina o artigo porque se responsabiliza por tudo o que disse. Nessa perspectiva, qual seria a contribuição social da escrita e divulgação de um artigo de opinião?

2.3 Dimensão Histórico cultural

4. É possível conhecer os problemas de um país lendo artigos de opinião em jornais antigos? 5. Pode-se escrever artigos de opinião sobre assuntos antigos? Por quê?
6. Os articulistas são profissionais formados em diferentes áreas e escrevem sobre assuntos de sua formação. Sobre que assuntos os brasileiros mais gostam de ler opiniões? (Discussão em sala de aula)

2.4 Dimensão econômica

NOTA AO PROFESSOR

Permita que os alunos respondam às questões de 7 a 9 livremente e, em seguida, indique este site para obter informações mais seguras em: <https://encontrarinfo.com/alojament/palestra/read/56777-quanto-ganha-um-colunista-de-um-jornal>



7. Quanto ganha, provavelmente, um articulista de um jornal famoso?
8. Vocês acreditam que poderiam ganhar bem escrevendo artigos de opinião para jornais ou revistas?
9. Que formação é exigida para se tornar um articulista?

2.5 Dimensão escolar

10. De que forma a leitura e escrita de artigos de opinião contribuem para a formação de alunos críticos e bem informados?

Instrumentalização

NOTA AO PROFESSOR

Nesta etapa, o professor inicia o seu trabalho de mediação com os estudantes, oferecendo a eles explicações teóricas sobre o conteúdo em estudo.

5° DIA: Realização de atividades referentes à teoria, objetivando uma mudança na prática de escrita dos alunos

Carga horária: 2 aulas

NOTA AO PROFESSOR

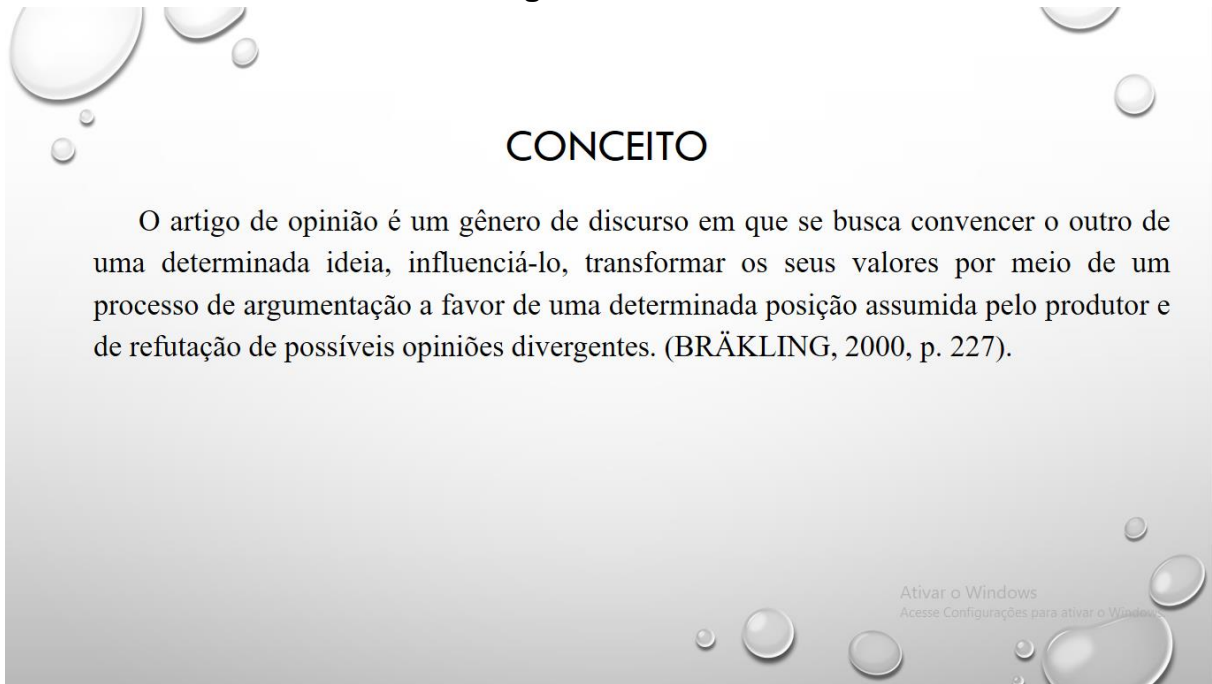
Iniciar a aula assistindo a uma breve explicação sobre artigo de opinião com os estudantes em um vídeo disponível em: <https://youtu.be/5H1s1gUbahq> ou no QR Code abaixo:



Em seguida, realizar, por meio de slides, uma explanação teórica com o conceito, as características do gênero artigo de opinião, os diferentes tipos de argumentos e os conectivos lógicos usados no artigo de opinião.

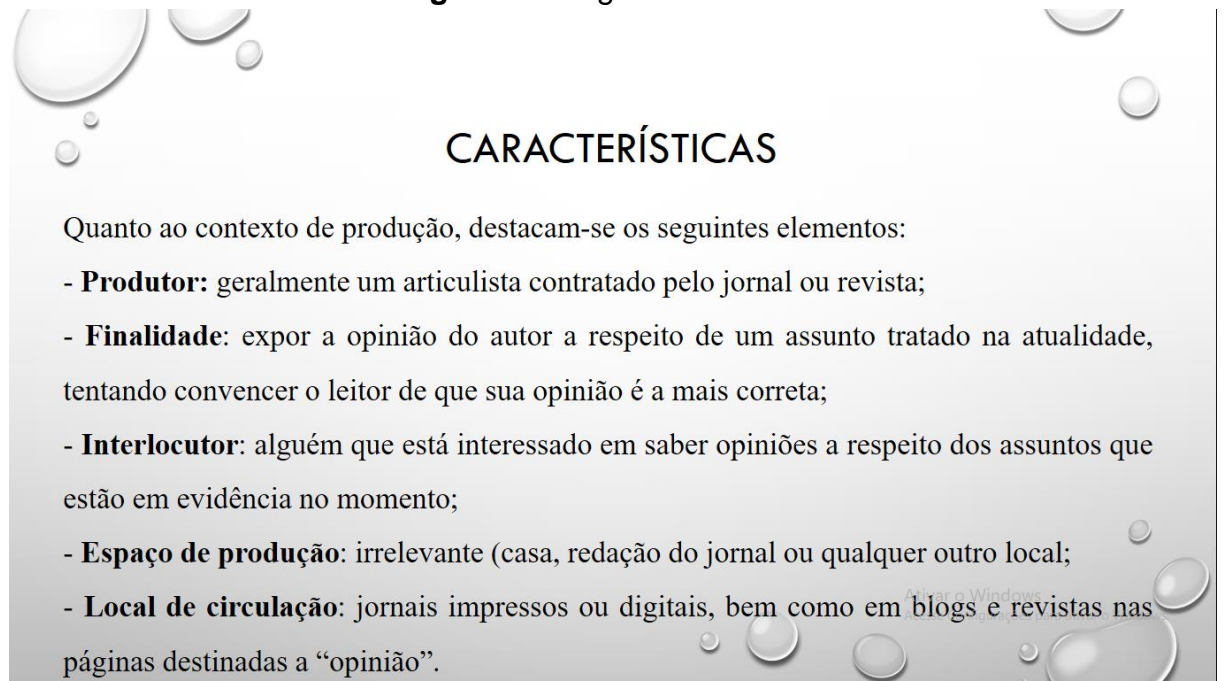
Os slides devem ser apresentados em Powerpoint, usando um Data Show.

Imagem 1 – Primeiro slide



Fonte: arquivo da pesquisadora (2022).

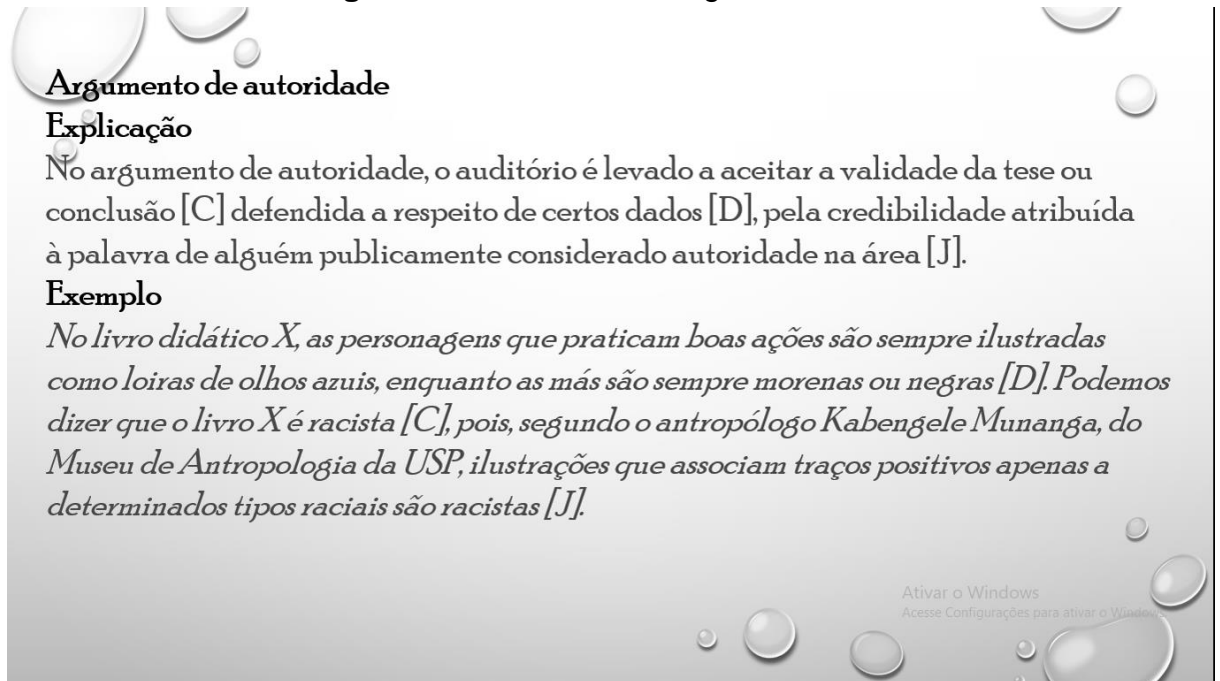
Imagem 2 – Segundo slide



Fonte: arquivo da pesquisadora (2022).

Os slides referentes aos tipos de argumentos poderão ser produzidos a partir do conteúdo do Caderno Virtual, artigo de opinião, da Olimpíada de Língua Portuguesa (BRASIL, p.126).

Imagem 3 - Slide sobre os argumentos



Fonte: arquivo da pesquisadora (2022).

NOTA AO PROFESSOR

Após a exposição dos slides explicativos dos tipos de argumentos, o professor deverá pedir aos alunos que, em grupos, localizem um tipo de argumento nos textos em anexo “Reestruturação, refuncionalização, requalificação e revitalização”, “O estranho caso da cidade feita de açúcar”, “Cidades reféns dos automóveis”, usados no segundo dia de aula.

6° DIA: Realização de atividades referentes à teoria objetivando uma mudança na prática de escrita dos alunos

Carga horária: 2 aulas

NOTA AO PROFESSOR

Neste momento deve-se fazer a leitura do artigo de opinião *Meio ambiente é expressão de um desígnio de amor e de verdade*, de Marcelo Chaves. Após a leitura, pedir aos alunos que respondam por escrito, com a ajuda do professor, às questões:

Meio Ambiente é expressão de um desígnio de amor e de verdade

Confira o artigo de opinião, desta terça-feira (08/06), por Marcelo Chaves

3.1 Atividades que abordam o contexto de produção:

- Quem é o produtor deste texto?
- Quem, provavelmente, são seus leitores?
- Qual sua finalidade social?
- Onde ele pode ser encontrado?
- Quando ele foi escrito?

3.2 Atividades que abordam o conteúdo temático:

- Ao ler o título “Meio ambiente é expressão de um desígnio de amor e de verdade”, você criou uma expectativa a respeito do assunto que seria tratado no texto. Essa expectativa se confirmou com a leitura do texto?
- O tema tratado no texto aponta para questões de relevância social?
- Esse tema gera confronto entre diferentes pontos de vista?
- Qual a questão polêmica apresentada no texto?
- Qual a tese (opinião principal) defendida pelo autor? Onde ela aparece?
- De que forma o autor tenta nos convencer de que a opinião dele está correta?

7º DIA: Realização de atividades referentes à teoria, objetivando uma mudança na prática de escrita dos alunos.

Carga horária: 2 aulas

Visando fortalecer os conhecimentos dos alunos sobre argumentação, sugerimos apresentar para eles três debates do site escrevendo o futuro, fazendo uso de um Data show. Os vídeos deverão ser comentados no final.

1º vídeo: <https://youtu.be/fB8JR5OzoOM>



Debate - Artigo de Opinião - Bloco 1

2º vídeo: <https://youtu.be/Ve2X3S6INXY>



Debate - Artigo de Opinião - Bloco 2

3º vídeo: <https://youtu.be/2iK0nQ1c1Nc>



Pesquisar



Bloco 4 - no país

Há uma apatia na atual geração de jovens para participar de ações sociais que visem o bem comum no país em que vivem?

Debate - Artigo de Opinião - Bloco 4

3.3 Atividades sobre a construção composicional do gênero

- É comum o articulista usar no título do artigo a questão polêmica, que tratará ao longo do texto, ou a sua tese. Qual dessas estratégias o autor usou?
- Para apresentar o tema, o autor narra uma história imaginada? Se não, qual a estratégia que ele usa?
- No desenvolvimento do texto, o autor apresenta dados que funcionam como ponto de partida para chegar a uma conclusão, usando, para isso, argumentos e até contra argumentos, embora estes sejam refutados pelo autor. Que tipos de argumentos podem ser usados?
- No desenvolvimento, o autor traz a voz de diferentes pessoas ou instituições como argumento, ou contra argumento. Destaque um argumento desse tipo no texto lido.
- Para concluir seu texto, o autor estabelece uma relação lógica entre as ideias apresentadas anteriormente e a conclusão a que nos quer levar? Ou apresenta uma ideia nova?

8º DIA: Realização de atividades referentes à teoria objetivando uma mudança na prática de escrita dos alunos.

Carga horária: 2 aulas

3.4 Atividades que contemplam as marcas linguístico-enunciativas

a) Leia, novamente, o texto e observe se o que predomina é o uso de verbos (palavras usadas para indicar o tempo presente, passado ou futuro) ou modo (indicativo, subjuntivo, imperativo) dos acontecimentos, ou se o que predomina é o uso de substantivos (palavras que dão nome a tudo o que existe, como parede e amor) e adjetivos (palavras usadas para indicar qualidades e características). Por que será que isso acontece?

b) Quanto aos verbos usados no texto, estão em que tempo? Cite exemplos e a mudança de sentido, caso eles fossem usados no passado.

c) As conjunções, consideradas elos coesivos e, também, conectivos, são muito empregadas em artigos de opinião. Por se tratar de um texto argumentativo, o autor precisa fazer uso de conectivos lógicos (mas, porém, portanto, afinal) para tecer os seus argumentos. Outros conectivos também são usados e é importante compreender os sentidos que eles assumem dentro do texto, pois essas palavras unem frases, parágrafos do texto estabelecendo os sentidos entre as partes. Assim, retire do texto duas passagens que contenham conjunções e explique qual é o sentido apresentado por esse elemento gramatical.

d) Embora o articulista faça uso de uma linguagem mais informal em algumas passagens do texto, com a intenção de ter uma maior aproximação com o seu leitor, o artigo de opinião é escrito em linguagem padrão. Destaque, no texto, uma passagem que confirma o uso de linguagem padrão pelo articulista.

e) As retomadas textuais acontecem tanto por meio de pronomes e sinônimos, termos genéricos ou específicos, como através da própria repetição do termo. Retire do texto em estudo, um fragmento que exemplifique o uso da repetição.

f) Façam uma síntese dos elementos gramaticais presentes no artigo de Marcelo Chaves e que foram abordados nas questões anteriores (verbos, conjunções) em um mapa mental. Vocês poderão usar o site www.canva.com.br para montar o mapa mental.

Catarse

9º DIA: Realização de atividades referentes à teoria objetivando mostrar o que apreenderam sobre artigo de opinião e sobre argumentação.

Carga horária: 2 aulas

NOTA AO PROFESSOR

Nesta etapa deve-se sintetizar a aprendizagem dos estudantes sobre o gênero artigo de opinião, isto é, eles manifestarão o que compreenderam sobre o conteúdo, respondendo às questões de 1 a 4 e em seguida fazendo a revisão do texto inicial. O texto final será divulgado no jornal da escola.

1. Em que consiste o gênero artigo de opinião?
2. Qual a sua função social?
3. Em quais veículos de comunicação podemos encontrá-lo?
4. Quais são as semelhanças e diferenças entre o artigo de opinião e o editorial?
 - ✓ Aqui deverão ser devolvidas as produções textuais dos alunos com etapas de reescrita, observando os conteúdos expostos na Instrumentalização e as observações da professora.
5. Produção Textual Final

Prática Social Final

Esta é a última etapa do método, é o momento que o aluno demonstra o que apreendeu, em seu comportamento em relação ao conteúdo apreendido, ou seja, o estudante evidencia, por meio de intenções e ações que o conteúdo vivido, problematizado, teorizado e sintetizado é capaz de modificar na sua realidade social, junto as suas diversificadas práticas sociais.

Nesse momento, o aprendizado do aluno não poderá ficar restrito à sala de aula mas, de acordo com o uso efetivo do gênero em suas práticas sociais. Dessa forma, é esperado que o estudante leia outros artigos de opinião, publicados em diferentes veículos de comunicação e compreenda a sua função social e os princípios que agora permeiam a sua vida.

REFERÊNCIAS

GASPARIN, J. L. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

GASPARIN, J. L.; PETENUCCI, M. C. (2008). **Pedagogia histórico-crítica: da teoria à prática no contexto escolar**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2289-8.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2022.

O HOJE. Disponível em: <https://ohoje.com/noticia/artigo/n/1316749/t/meio-ambiente-e-expressao-de-um-designio-de-amor-e-de-verdade>. Acesso em: 05 jan. 2022.

Endereços eletrônicos dos artigos

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniao/colunistas/alexandre-queiroz-pereira/reestruturacao-refuncionalizacao-requalificacao-e-revitalizacao-1.3194445>

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniao/colunistas/alexandre-queiroz-pereira/cidades-refens-dos-automoveis-1.3248562>

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniao/colunistas/alexandre-queiroz-pereira/o-estranho-caso-da-cidade-feita-de-acucar-1.3212568>

<https://ohoje.com/noticia/artigo/n/1316749/t/meio-ambiente-e-expressao-de-um-designio-de-amor-e-de-verdade/>

ANEXO A

MEIO AMBIENTE É EXPRESSÃO DE UM DESÍGNIO DE AMOR E DE VERDADE

Escrito por **Marcelo Chaves**, 08:57/ 08 de junho de 2021.

A Semana Mundial do Meio Ambiente tem como objetivo principal promover a conscientização da população sobre os temas ambientais, principalmente, aqueles que dizem respeito à preservação e conservação da natureza, trabalhando a educação ambiental na formação das pessoas e promovendo atitudes fundamentais para a subsistência da espécie humana no planeta.

Essa é uma questão que precisa ser compreendida também como algo necessário para as presentes e futuras gerações, quando entendemos todo esse santuário a céu aberto como ambiente de vida.

Nesse contexto, Papa Francisco lançou em 2015 a sua Encíclica “Louvado Sejas”, que nos convida a um diálogo acerca da natureza que nos abraça. O papa aponta para uma ecologia integral que apresenta o lugar específico que o ser humano ocupa no mundo e as suas relações com a natureza que o cerca, sendo de fundamental importância que assuma a responsabilidade com a Casa Comum e, ao mesmo tempo, esteja pronto para uma mudança profunda nos estilos de vida e nos valores que regem nossa sociedade.

Os tempos atuais nos convidam a entender que o meio ambiente é um bem coletivo, patrimônio de toda a humanidade e responsabilidade de todos. Significado que nos permite olhar de maneira diferente o meio ambiente que nos cerca, e encontrar ali relações de solidariedade para com o próximo.

Quando preservamos nossas florestas, não poluímos nossos rios e mares e respeitamos a fauna e flora dos ambientes, nos tornamos coparticipantes da criação e damos continuidade a manifestação do amor de Deus revelado a nós através da natureza.

Um comprometimento que se torna universal, a partir do momento que as atitudes em prol da natureza, por mais simples que sejam, são capazes de fortalecer vínculos com a humanidade inteira.

Hoje, na perspectiva ambiental, o planeta é uma grande herança que deve ser passada de geração em geração, cujos frutos devem beneficiar a todos. Toda abordagem ecológica deve integrar uma perspectiva social.

É válido ressaltar que não podemos cair em ideologias que consideram a natureza um tabu intocável ou que só a vejam como fonte de recursos, que se permite abusar dela. A Igreja nos ensina que nem uma nem outra destas atitudes correspondem à visão cristã sobre o meio ambiente, fruto da criação como dom de Deus aos seus filhos.

Mais do que nunca, o diálogo e as atitudes são ferramentas para disseminação da informação como parte de um processo educativo mais amplo, a fim de agregar valores que podem fazer a diferença num futuro não muito distante. De modo que, no tempo presente, leve ao dever de cuidar e zelar por este ambiente de vida pensando sempre nas gerações que ainda virão.

O Meio Ambiente é a expressão de um desígnio de amor e de verdade que nos chama a uma vocação autêntica enraizada na liberdade responsável de gerir, guardar e cultivar todo esse patrimônio que não tem idioma, nacionalidade, e é capaz de superar qualquer fronteira.

Eu e você somos convidados a viver essa linda experiência, seja ela do ponto de vista preservacionista, repensando nossas maneiras e atitudes de contribuir com o meio ambiente, mas também como patrimônio natural, algo necessário às gerações de hoje e de amanhã, manifestação clara do amor, bondade e carinho de Deus pela humanidade.

<https://ohoje.com/noticia/artigo/n/1316749/t/meio-ambiente-e-expressao-de-um-designio-de-amor-e-de-verdade/>

ANEXO B

REESTRUTURAÇÃO, REFUNCIONALIZAÇÃO, REQUALIFICAÇÃO E REVITALIZAÇÃO

Escrito por **Alexandre Queiroz Pereira**, 07:00 / 21 de fevereiro de 2022.

A reestruturação urbana designa um conjunto de mudanças capazes de produzir novas configurações do tecido urbano.



Legenda: Refuncionalizações e requalificações são processos específicos, menos abrangentes espacial e funcionalmente, e na maioria das ocasiões, alteram áreas específicas da cidade, sendo assim, incapazes de modificar a totalidade da urbe.

Foto: Kid Junior

Quando são ventiladas, ou efetuadas, modificações na cidade é corriqueira a utilização dos termos reestruturação, refuncionalização, requalificação ou até mesmo revitalização. Enquanto vocábulos frequentemente empregados, não são raras as vezes cujo termo utilizado não corresponde às características da mudança descrita.

Em comum, as quatro palavras são constituídas pelo prefixo “re” e pelo sufixo “ção”, referindo-se assim a processos (ações) que se repetem ou que prosperam a partir do preexistente. Contudo, é equivocado, tanto no jornalismo como na ciência, utilizá-los enquanto sinônimos.

A reestruturação urbana designa um conjunto de mudanças de amplo alcance e capazes de produzir novas configurações do tecido urbano, estando estas articuladas as alterações no espaço construído, nas atividades econômicas predominantes e no conteúdo social das áreas da cidade.

No passado, no século XVIII e XIX, a industrialização se tornou um fenômeno preponderante nas cidades inglesas propiciou aumento demográfico exponencial, alteração nos padrões de moradia, nos modais de transporte, nas relações de trabalho e no modo de vida. No século XIX, também na Europa, poderíamos lembrar das demolições de Napoleão III, do Barão Haussmann e da abertura dos boulevards em Paris.

Nesses casos, o uso da expressão reestruturação urbana bem define a importância do acontecido. Após os acontecimentos, Manchester e Paris jamais foram as mesmas. As mudanças diacrônicas, induzidas por condições sociais desiguais, tiveram caráter reestruturador.

Também poderíamos utilizá-lo acertadamente ao nos referirmos, no caso brasileiro, ao momento da passagem da cidade à condição de metrópole, como transcorreu com Fortaleza a partir dos anos 1970. Isso porque a metrópole não é tão-somente uma cidade maior, onde habitam milhões. Ela representa um espaço urbano composto por muitos centros e, complementarmente, fragmentado e multiperiférico. Quando ocorre a metropolização, o processo de urbanização chega a outro patamar, sobretudo, em virtude da complexidade das atividades econômicas sediadas nestes espaços urbanos. Por sua vez, refuncionalizações e requalificações são processos específicos, menos abrangentes espacial e funcionalmente, e na maioria das ocasiões, alteram áreas específicas da cidade, sendo assim, incapazes de modificar a totalidade da urbe.

Não necessariamente são planejadas ou de responsabilidade do Estado, os dois processos podem vir a desenrolar-se por contingências históricas (ex. crises econômicas) e por interesses de agentes empresariais (ex. mercado imobiliário).

Para explicar, um bairro ou uma zona da cidade é refuncionalizado à medida que uma função urbana histórica perde importância e outra ganha predominância. Em Fortaleza, poderíamos mencionar as mudanças funcionais transcorridas na Avenida Francisco Sá com a passagem da função industrial, para a residencial e a comercial; ou mesmo, lembrar do Centro da cidade que deixou de ser uma área predominantemente residencial para ser identificada como a principal zona comercial da capital.

O bairro Aldeota, antes eminentemente residencial, nos dias de hoje, é uma centralidade urbana marcada pela variedade de serviços especializados.

A requalificação não obrigatoriamente se dá por mutações nas funções urbanas. Uma avenida comercial em decadência, ao ganhar novas qualidades de acesso ou de padrão empresarial, pode vir a reconstituir sua relevância mantendo sua função comercial. Em outra escala de intervenção, reformas em espaços públicos (ex. praças, parques, polos de lazer), não alteram as funções destes, porém modernizam-lhes com a atualização do mobiliário urbano e/ou com a inserção de necessidades da época.

O último termo anunciado, revitalização, é o mais polêmico. Se levarmos ao extremo rigor das teorias urbanas, ele jamais deveria ser utilizado para designar processos e intervenções na cidade. Primeiro porque, por mais precários e decadentes, os espaços urbanos não são zonas mortas, há sempre relações e práticas sociais a eles associados, mesmo que não sejam as desejáveis por um grupo ou setor da sociedade.

Em segundo lugar, geralmente, quando se emprega a palavra revitalização há carga simbólica e preconceituosa na avaliação das funções e nos usos reinantes numa área. Na cidade contemporânea, observa-se frequentemente o emprego do termo para zonas onde habitam populações pobres, em situação de rua ou espaços ocupados por comerciantes ambulantes.

Tudo isso dito, o leitor pode entender as distinções como irrelevantes. Porém, com um pouco mais de cuidado, e até com conhecimento das estratégias políticas, descobriremos a importância das palavras e dos discursos na formação das opiniões, nos álibis e nas justificativas.

Para os movimentos sociais urbanos, o domínio destes termos e dos seus significados é uma arma para argumentar e fazer valer seus interesses. No momento da reivindicação, é decisivo deixar claro o que se quer para a cidade, para a regional ou para a praça do bairro onde moramos.

"Este texto reflete, exclusivamente, a opinião do autor".

ANEXO C

O ESTRANHO CASO DA CIDADE FEITA DE AÇÚCAR

Escrito por **Alexandre Queiroz Pereira**, 07:00 / 04 de abril de 2022.

A cidade impermeabilizada sufocou sua drenagem natural; os canais e os bueiros não funcionam, pois os “cidadãos” os encheram de lixo. E a sujeira, como um felino doméstico, sempre volta para o seu dono.



Legenda: As ruas mal drenadas ganham forma de piscina ou lago; e os carros param, quebram e boiam

Foto: Fabiane de Paula

No século XIX, o conhecido Karl Marx e seu amigo Friedrich Engels escreveram a frase lapidar: “tudo o que é sólido e estável se esfuma”. À ocasião, o economista e seu parceiro referiam-se à realidade em constante transformação conduzida pela batuta da revolução burguesa. Nestes [últimos dias de chuva em Fortaleza](#), lembrei-me da frase, mas sem qualquer vínculo filosófico, muito mais pela força simbólica e por um certo bom humor contido na citação monumental.

A nossa cidade, enquanto banha-se de chuva, desmancha-se. Tudo o que funciona sob a luz do sol se esfuma ao cair das gotas d'água. Dizendo de outra forma, como Fortaleza demonstra-se despreparada para a tão esperada estação chuvosa abundante.

Ainda sob esse contexto, busquei inspiração num grande mestre da literatura. Voltei a consultar as páginas do memorável livro *As Cidades Invisíveis*, do gênio Ítalo Calvino. Fiquei a pensar como Marco Polo, ao passar por Fortaleza, num destes dias de eventos chuvosos extremos, descreveria a cidade de Iracema para o imperador Kublai Khan.

Talvez Polo, com toda a sua acuidade e imaginação, denominaria a cidade litorânea de urbe feita de açúcar. Isto mesmo! Como os conterrâneos dizem por aqui: “tem medo de chuva? Por um acaso é feito de açúcar?” No final das contas, acho que os fortalezenses de hoje, apesar da histórica e mitológica vaia ao sol, rezam três ou mais Ave Marias quando a chuva começa a tocar os seus telhados.

Será que sofremos de uma amnésia coletiva e, anualmente, deixamos no lixo das lembranças tudo o que transcorre na cidade durante uma pluviosidade de dezenas de milímetros? Estou começando a acreditar nesta hipótese.

Se vasculharem as [notícias nos periódicos](#), lá estarão descritas situações deveras semelhantes, ano após ano; talvez nem sequer mudem os títulos das matérias, tamanha a semelhança dos fatos. Os semáforos param e os cruzamentos viram terra de ninguém. As ruas mal drenadas ganham forma de piscina ou lago; e os carros param, quebram e boiam. E os buracos? Aparecem por mágica e crescem tão rápido como a inflação do nosso país.

As árvores mais velhas e não podadas tombam, interrompem os fluxos, seja de veículos ou da rede elétrica. Até o sinal de internet para de funcionar. A conclusão é óbvia: nossas redes, diferente de alguns relógios, não são à prova d'água.

Os motoristas despreparados não reduzem a velocidade, não acendem os faróis e tampouco evitam acidentes. Alguns, pessimamente educados, jogam-se sobre as poças e banham os pedestres espremidos nas calçadas inundadas.

A cidade impermeabilizada sufocou sua drenagem natural; os canais e os bueiros não funcionam, pois os "cidadãos" os encheram de lixo. E a sujeira, como um felino doméstico, sempre volta para o seu dono, desta vez, conduzida pelos rios temporários.

Nos prédios, a manutenção capenga traz a fatura. São elevadores quebrados, infiltrações nas janelas e tetos desabados. As garagens alagadas nos fazem refletir se os engenheiros e os proprietários, antes de construir, pensaram no futuro chuvoso. Ficam apenas os prejuízos.

E os mais pobres, os mais vulneráveis habitantes das conhecidas áreas de risco? Lembre-se de tudo o que disse até agora e multiplique por mil. Com isso, estimamos, com alta taxa de erro, o índice de sofrimento dessas famílias que habitam em barracos à margem dos córregos e rios.

Oh, Fortaleza! Porta Atlântica do Semiárido nordestino, não esqueça das aulas de geografia. A chuva tarda, mas um dia vem. Tomara que a próxima visita de Marco Polo aconteça em outubro, mês do pleito eleitoral, e não tenhamos tantos problemas a mostrar.

ANEXO D

CIDADES REFÉNS DOS AUTOMÓVEIS

Escrito por **Alexandre Queiroz Pereira**, 07:00 / 27 de junho de 2022.

Se no começo do século XX o carro era mercadoria para poucos, hoje milhões de suas unidades entopem as avenidas e estacionamentos.



Legenda: O maior equívoco persiste em apontar como saída o transporte motorizado individual

Foto: Arquivo Diário do Nordeste

Ao longo de dezenas de anos, talvez não haja outra invenção que mais modificou as cidades que o automóvel. Em virtude dele, as cidades se expandiram por quilômetros, urbanizaram-se espaços rurais produzindo novos lugares de moradia. Ainda por causa dele, as ruas foram alargadas e ganharam regras de trânsito. Até a planta arquitetônica das casas mudou, incluindo a garagem como item indispensável.

O automóvel virou paixão. Tornou-se álibi para competições e símbolo de ostentação. Diga-me o modelo do teu carro que te direis quem és!

Se no começo do século XX o carro era mercadoria para poucos, hoje milhões de suas unidades entopem as avenidas e estacionamentos. Todavia, por tudo isso, literalmente, pagamos um preço muito elevado.

Antes, quando se falava dos males do automóvel, a lista começava pelos engarrafamentos e o trânsito lento. Na sequência das alegações poderíamos lembrar dos acidentes ao volante, atropelamentos e mortes. Não para por aí, pois muito oportunamente também pensaríamos na emissão dos gases poluentes e da contribuição dos veículos à aceleração das mudanças climáticas.

No Brasil do presente, o que tem tirado o sono dos motoristas é a dor no bolso no momento de abastecer suas “carroças à motor”. A política de preços da Petrobrás na qual os valores são ajustados pela paridade com as flutuações do mercado internacional impactam severamente a maioria dos condutores.

Agora vamos à reflexão. Mesmo com o preço dos combustíveis fósseis cada vez mais caros, por que o automóvel continua como um dos principais meios de locomoção nas cidades? Lógico que não estou

nada satisfeito com o preço do litro da gasolina, contudo esta circunstância abre uma janela para discutir uma mudança estruturante.

Em meio a esta problemática, além das propostas de curto prazo para baratear a gasolina ou o diesel, é cabível construir debates complementares e de longo prazo. Qual seja? A modernização das cidades e modo de vida urbano tem que privilegiar formas mais racionais de deslocamento de pessoas e de mercadorias.

Há tempos, os ambientalistas e planejadores críticos levantam a bandeira dos transportes públicos. Lamentavelmente, os governantes pouco lhes dão ouvidos.

A era do petróleo barato acabou e as ocorrências inoportunas na geopolítica dos combustíveis são tão certas como o alvorecer. Pelas condições mundiais, as instabilidades econômicas demonstram, por sua vez, a insustentabilidade do uso dos automóveis enquanto protagonistas na mobilidade urbana e metropolitana.

Alguns são otimistas pela crescente popularização dos automóveis elétricos, contudo esquecem dos impactos ambientais causados pelo uso dos minérios (lítio, por exemplo) necessários às baterias e, igualmente, sua utilização mantém a individualização dos transportes não se diferenciando do seu antecessor à combustão.

Em território brasileiro, o erro se repete pela massificação das motocicletas. Os veículos de duas rodas são mais econômicos e acessíveis, todavia seus usuários são, proporcionalmente, os mais frágeis no trânsito e representam grande fatia nos percentuais de mortos e seriamente acidentados.

Da mesma forma que fomos catequizados para adorar o automóvel, uma diferente perspectiva cultural pode ser adotada, desta vez, compreendendo a importância em compartilhar e utilizar em meios coletivos de transporte como ônibus elétricos, BRT, VLT e Metrô.

O caminho é unir quatro princípios: fundos públicos, tecnologias, ecologia e transporte de massas.

O maior equívoco persiste em apontar como saída o transporte motorizado individual. Na escala do intraurbano, é passado o tempo de pensar e implementar uma política de financiamento dos modais de transporte público, utilizando-se de veículos tecnológicos, integrados, seguros e menos poluentes.

Estas não são metas nada fáceis e, sem um arranjo político, jamais sairão do papel. Se assim o for, continuaremos reféns dos automóveis e das cadeias de distribuição de combustíveis.

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniao/colunistas/alexandre-queiroz-pereira/cidades-refens-dos-automoveis-1.3248562>